

No espelho de muitas faces: miradas caleidoscópicas sobre arte e vida, currículo e formação

In the multiple-faced mirror: kaleidoscopic gazes upon art and life, curriculum and formation

Mirian Celeste Martinsⁱ

Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo

Resumo

O presente artigo foi construído como miradas em um espelho de muitas faces onde se misturam e se condensam arte, vida e ciência. De que arte falamos quando olhamos a vida dentro e fora da escola? Dispensável, supérflua? As miradas nos revelam aspectos como num caleidoscópio que mira as livrarias, as escolas, os museus, as obras de arte, a formação inicial nos cursos de Pedagogia, a construção de uma *poiesis*, entre experiências vividas e teóricos parceiros. Frente a este espelho de muitas faces, é possível vislumbrar a importância das artes na contemporaneidade e, em especial, a atuação concreta, singular e necessária de quem nela acredita.

Palavras chave

Arte; Ensino de Arte; Formação de Educadores.

Abstract

This article was built as gazes in a mirror of multiple faces where art, life, and science mingle and condense. What kind of art are we talking about when we look at life inside and outside school? Dispensable, superfluous? The gazes reveal aspects as a kaleidoscope pointed at bookstores, schools, museums, works of art, initial training in Pedagogy courses, the building of a *poiesis*, between lived experience and fellow theoreticians. In front of this multiple-faced mirror, we can envision the importance of the Arts in contemporaneity and especially the concrete, unique and necessary actions from those who do believe in it.

Keywords

Art; Art Education; Teacher's Education.

Resumo visual

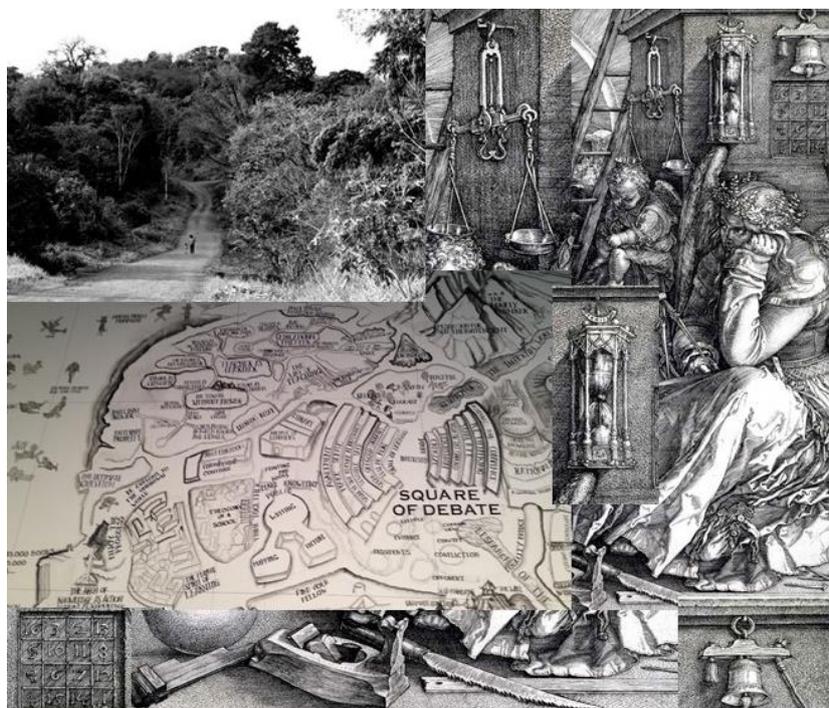


Figura 01. *Miradas caleidoscópicas.* Foto-ensaio com citações de Durer, Qiu Zhijie e Giovana.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Imagens, palavras. Anseios...

Onde está a arte hoje?

De que arte falamos quando olhamos a vida dentro e fora da escola?

Dispensável, supérflua? Tem vez quando a sociedade em geral considera que o importante é mesmo ler, escrever e contar?

Encruzilhadas, caminhos opostos?

A superfície e o mergulho. A vista panorâmica ou o detalhe significativo. Mas não me parecem faces opostas em uma mesma moeda, mas faces em um espelho, misturadas na vida, na arte, na ciência. Para seguir adiante e pensar sobre a aparente dispensabilidade curricular e os fundamentos da educação das artes na contemporaneidade convido o leitor a olhar este espelho em cada mirada e em cada nó

da imensa rede. E também se ver nele e o que nele se reflete como em um caleidoscópio.

Mirada A: um nó pelo meio

Maio de 2015. Livraria Cultura no Conjunto Nacional em São Paulo. Uma imensa livraria e logo na entrada da loja dedicada à arte, me assustei com a quantidade de livros para colorir. Desestressar é a justificativa. Há títulos que se dizem “anti-insônia” ou arte terapia. E há para todos os gostos, de jardins e flores à obras de arte, temas religiosos, mandalas, embora o que foi mais vendido foi *Jardim Secreto*. Entre eles mais uma preciosidade: “Aprenda a pintar desenhos antiestresse”!

Ao colocar “livro para colorir antiestresse” na busca do Google, rapidamente são ofertados 309.000 resultados entre anúncios, comentários, depoimentos, artigos, encontros, comunidades no Facebook. Não sabemos até quando esta onda irá continuar e o que será a próxima moda, mas agitou mais do que apenas a indústria gráfica, pois a caixa de lápis com 48 cores ficou em falta.

Superposição, transparências, a pintura do fundo e não das formas, teriam sido experimentadas?



Figura 02. *Para colorir.* Foto-ensaio composto por 7 fotografias e um desenho de Emanuel dos Santos a partir de uma estrutura. Arquivo pessoal.

Estão lá as linhas de contorno e a pintura dentro de formas fechadas, tão ao gosto da escola do passado, mas que continuam hoje em muitos casos. Ainda nos relatórios de estágio de meus alunos do Curso de Pedagogia, vemos o uso de “giz de cera para a pintura e canetinhas para os contornos.” E vemos também o grande sucesso de um artista designer que utiliza este recurso.

Lembrei-me de um material de 1974: *Rytmes pour un dessin* que convida a desenhar a partir de 8 estruturas criadas por Ensor Holiday apropriadas de decorações do Oriente Médio. Tenho distribuído este material para que se possa criar sobre outras estruturas que, embora trabalhem com o conceito de colorir dentro de limites, abre espaço para muitas criações. Criei um blog para comemorar a 4ª Semana Internacional de Arte & Educação em maio de 2015 - <<http://arteeducweek-4-br.tumblr.com>> - e é possível ver a variedade de produções a partir das mesmas estruturas, como o desenho produzido por Emanuel dos Santos. Não sei até que ponto estas produções deixam claro a diferença de atitude criativa em relação aos milhares de desenhos prontos, tão formatados para colorir.

Na metáfora do reflexo no espelho, o papel da arte parece fortalecer o conceito da recreação, do descanso das atividades cognitivas mais importantes na escola.

Mirada B: um nó pelo meio da arte

O que vemos também nos olha. A frase nos remete ao livro de Didi-Huberman (1998), que nos coloca frente a obras minimalistas de Donald Judd e Robert Morris, para serem vistas como aquilo que são. Não explica a obra, mas nos coloca a pensar em processos de criação e na experiência impulsionada pela arte. Experiências que apontam diferenças, que envolvem tempos e relações.

Para Didi-Huberman (1998, p. 77), “Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta”. No motor dialético que propõe, interessa-se pela inquietude, no entremeio, no entre o que vemos e que pode ser condensado e limitado no que já sabemos e o que nos olha no que vemos, para além do visível. Criação do artista. Criação de seu fruidor a construir sentidos que não se fecham em verdades, mas

ampliam a potência da arte como um “um bloco de sensações, isto é, um *composto de perceptos e afectos*” como afirmam Deleuze Guattari (2005, p. 213, grifos dos autores). Perceptos e afectos que movem processos de criação do público. É que “o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador”, argumenta Marcel Duchamp (1975, p. 74).

Assim, não é só a obra no museu ou a produção do artista que tem sentido, pois interessa também o outro que a vê e que constrói seus próprios sentidos para ela. A citação de Duchamp parece encontrar hoje outros reflexos...

Olhar aquele que vê gerou uma bela tese de Rita Demarchi (2015), que fotografou e criou fotos-ensaios e fotos-discursos cultivados em processos de lentidão e silêncio, à espreita dos acontecimentos, no universo que envolve o apreciador, as obras e seus espaços. Imagens dialogam com seu texto, nos colocando em contato mais próximo um contato mais próximo com os visitantes, tantas vezes turistas fugidios em trânsito, em diálogos contemporâneos longe do ideal com as obras e os espaços expositivos, que também apresentam traços de peregrino, mesmo que em situações e atitudes predominantemente “turísticas”.

O que nos olha é também o outro no museu. Visitantes flagrados por Alécio de Andrade (2009) que captura fotograficamente a interação dos visitantes com as obras expostas no Museu do Louvre. E ainda, Thomas Struth que revela com suas fotografias os visitantes no museu, nem sempre olhando o que podemos ver. Estas fotografias, estariam criando outras faces no espelho/metáfora? Um olhar que evidencia a presença do visitante, tanto como o da obra.

“Invertamos o ponto de vista: o museu como sujeito, o espectador como objeto”, conclama Olafur Eliasson (2012, p. 25), um artista que nos propõe situações que nos jogam na experiência estética. Convites para nos vermos vendo, nos sentirmos sentindo, nos percebermos pensando. Impulsos para o potencial social da arte na percepção de algo maior, que reverbera em cada um de nós. Claire Bishop (2012), Rancière (2012), assim como outros estudiosos e também em nossas pesquisas em mediação cultural¹,

¹ O Grupo de Pesquisa em Mediação cultura: provocações e contaminações estéticas – GPMEC, foi iniciado em 2008 na Universidade Presbiteriana Mackenzie junto ao Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e

indicam que a arte no museu está conectada com a vida fora do museu e a sua interligação está nestes seres humanos produtores e leitores da vida condensada pela arte. Se a própria arte quer o visitante fruidor e co-criador, ela seria dispensável na escola, deixando de ampliar a possibilidade de encontros significativos fora e dentro de museus?

Mirada C: pela vida através da arte

A artista Tania Bruguera, que colocou no grande hall da Tate Modern em Londres cavalos montados por policiais para dirigir o fluxo do público, pergunta se o museu pensa a educação como transferência de informações sobre as obras ou se abre espaço para a criação do receptor. Em diálogo publicado por Helguera (2011, p. 19), ela vai além e diz “A educação não pode apenas ser vista como uma série de combinações sensatas, mas como uma maneira de se mudar (ou pelo menos ser uma referência ou um ponto de vista) a vida de alguém por um longo período”. O artista cria estratégias artísticas para pensar e compreender questões de fora da arte e é por isso que a arte é transdisciplinar por excelência. Amplia compreensões e estabelece relações muitas vezes inusitadas, colocando-nos a ver o que nos olha.

Assim, nos faz ver Qiu Zhijie em seu imenso mapa criado como *site specific* na 31ª Bienal de São Paulo. Há nele muitos aspectos que refletem a vida.

História da Cultura. Ele dá continuidade ao primeiro grupo de pesquisa coordenado por mim criado no período de 2003-02007 no Instituto de Artes/UNESP.



Figura 03. Mapa de Qiu Zhijie na 31ª Bienal de São Paulo. Foto-ensaio composto por 4 fotografias. Arquivo pessoal.

Destaco entre tantas possibilidades de leitura dois “lugares”. No primeiro deles, a Praça do Debate. Nela, arquibancadas opostas descrevem atitudes. Por um lado: habilidade de escuta, conte-me mais, fale com fundamento, diga com sensatez, expresse sua opinião para torna-la plausível, faça sentido, acordo. De outro: duvide, critique, discuta, discuta com fundamento, reconsidere, aceite e convença. Praça de múltiplos pontos de vista que compartilham ideias sem aceites superficiais, convocando a escuta e a problematização para chegar a acordos?

Ao lado da Praça do Debate há um outro “lugar”. Uma montanha: “The way of teaching” que parece se espalhar em outras áreas onde se lê: Como o professor aprende ensinando, O elaborador de situações, Jogos de dramatização, Professor como parte do cenário (palco), Professor como colega de classe,

Contador de histórias, Professor com muita experiência no fracasso, Antigo praticante experiente, O professor como eterno aprendiz, O professor sem respostas, O professor como criador de problemas, Criando dificuldades,

Professor como questionador e por aí vai... Sua grande cartografia é o testemunho da interdisciplinaridade que tem na arte o impulso para romper fronteiras.

A vida e o pensar sobre ela está na arte, em qualquer de suas linguagens. A vida cotidiana está no museu e na cidade, está divulgada nas redes sociais que nos colocam próximos embora distantes, está na Tv que cada vez mais traz a voz das pessoas comuns para externar opiniões, assim como a dos artistas da própria Tv. Mas há excesso de opinião diz Larrosa. E pouca experiência!

Imersos neste louco mundo em que vivemos, bombardeados por imagens, falas, sonoridades, a escola pode estar muito distante de tudo isso. Muitas vezes estuda-se Vigotsky e a importância da interação, mas os alunos ouvintes estão sentados uns atrás dos outros, sem trocas, sem discussões, sem interações.

O mundo contemporâneo exige uma outra reforma do pensamento, como preconiza Morin (2001) em sua obra *A cabeça bem feita: pensar a reforma – reformar o pensamento*. Uma reforma educacional só poderia acontecer com uma reforma do pensamento. O mundo contemporâneo pede arte. Mas que arte pede a escola?

Mirada X: um outro nó pelo meio da sala de aula

45 anos de trabalho em sala de aula. Crianças, adolescentes no início e depois sobre crianças e adolescentes com professores em formação. Continuada ou inicial. Perdoem-me se o texto continua calcado nesta experiência de vida como educadora, mãe e avó, professora de tantos que me ouviram e me leram, trabalharam comigo e ainda trabalham.

Não falo de mim, mas por mim. Quero olhar este espelho em olho a mim e a meus alunos. Um espelho envolto talvez em penumbra, em descompassos. Um espelho que retrata um imenso fosso imaginário que parece separar o que se importam com a arte e aqueles para quem a palavra estética quer dizer beleza exterior.

Ainda estou envolvida com as palavras de Anna Marie Holm em palestra no MAM em São Paulo neste final de maio de 2015. Ela falava do momento “tímm”, como aquela nota

tirada pelo músico e que fica ressoando em nós. Que momento é este que faz nascer algo que é maior e mais marcante do que poderíamos prever? Um som ressoa de modos muito diversos para cada um de nós. Ela, dentro de uma experiência invejável como uma espécie de artista-educadora residente em escolas de educação infantil na Dinamarca, é cutucadora de sensações, impulsionadora de experiências junto a natureza, tão simples como sair para o exterior, com chuva ou sol, para descobrir o vento que move trouxas vazias de papel ou o equilíbrio de cabides que carregam pedacinhos de tecido, ou ainda fazer coletas pelo campo. Como pesquisadora de si, ela coloca seis premissas, mas um não depende dela: experimentar com liberdade para que o momento seja importante para cada um que dele participa. Importante? Como tornar um momento importante para o outro?

Neste semestre com 47 alunas e três alunos do curso de Pedagogia em prestigiada universidade particular, recebo dois e-mails. O primeiro veio em resposta à devolutiva entristecida pelo relatório de estágio entregue e à pergunta que fiz: Você quer ser mesmo professora? A pergunta a tocou como vara curta e a defesa não foi a resposta à pergunta, mas a incompreensão de todo o processo vivido. Na mesma semana, recebo um outro aluno, perguntando sobre a avaliação e dele trago um pequeno trecho que se refere a uma aula em que a dança era conduzida por uma estudante que é dançarina com algumas intervenções minhas.

Fiquei um tanto assustado, envergonhado com meu corpo, pois saberia que teria que dançar, mas resolvi enfrentar minha vergonha me esquecendo por um instante que eu estou preso à um corpo obeso e permiti que minha alma falasse mais alto. O resultado foi inesperado, saí daquela aula leve, alegre, feliz, radiante, com a cabeça erguida e quando dei conta percebi que não havia mais dores em meu corpo e eu novamente pude andar ereto e leve. Fiquei ansioso para participar das próximas aulas para poder novamente sentir aquele efeito entorpecente que o prazer da arte me proporcionou, e o mais incrível é que tive minhas expectativas supridas. (...) lembrei do poder que a arte tinha em me fazer sentir melhor então não só passei a cantar mais, como passei a tocar mais teclado, compor e até dançar mesmo que sozinho. (Documento inédito: texto avaliativo de aluno)

Mesma professora, mesma sala de aula, mesmo grupos de alunos. Onde estava a importância da arte? Para quem? Pensar arte hoje na sociedade em que vivemos traz múltiplos pontos de vista, pois a arte, embora totalmente presente em nosso cotidianos

se torna invisível nos objetos que utilizamos, na roupa que usamos, na música que ouvimos no rádio,... Usa-se como consumidores ingênuos, com olhos e corpos anestesiados à dimensão estética que nos rodeia.

Lutamos muitas batalhas em associações, em nossos locais de trabalho, nos órgãos governamentais, para tentar gritar ao mundo a importância da arte na educação e na vida. Muitas dissertações, teses, livros, artigos, fizeram nascer novas perspectivas e geraram profundas experiências estéticas. Mas a luta ainda está no começo. Talvez tenhamos fechado o cerco de nossos territórios, conagrando e valorizando a dança, o teatro, a música, as artes visuais, com muitas pesquisas, dissertações, teses, livros publicados, mas o diálogo entre todas essas dimensões ainda não foi estabelecido de modo intenso. Tenho medo do gueto que luta por seus ideais, pois há ideias maiores e mais intensas que como gueto não temos como abarcar.

Muita coisa já mudou. Sem dúvida! Ganhamos corpo como área de conhecimento e isto é ótimo. Mas nesta direção, vejo alguns caminhos trilhados para território da história da arte e não da arte como experiência. Basta ver currículos em que o ensino de arte está centrado na cronologia, ou na vida e obra de artistas. Um movimento ao contrário é preciso fazer...

Um movimento ao contrário que Ronaldo Alexandre Oliveira inventou quando trabalhou com crianças do município de Irerê perto de Londrina. Não era necessário para um pós-doutorado esta intervenção pedagógica, mas Ronaldo (2014) buscava:

[...] transformações dos olhares e atitudes dos alunos diante da cidade, intervindo de forma construtiva através da produção, não só produzindo novos objetos, mas utilizando-se de "espaços" do mundo, da cidade, do bairro, da escola, para compor "lugares", através da percepção (OLIVEIRA, 2014, p.178).

E estimulou a percepção singular de cada fotógrafo/estudante, pelas imagens que trouxe para eles.



Imagem produzida durante a caminhada fotográfica
Foto: Anderson



Van Gogh



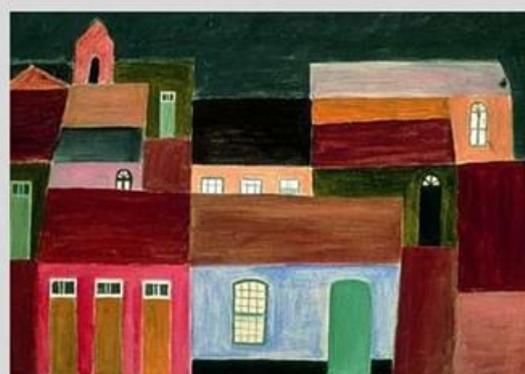
Imagem produzida durante a caminhada Fotográfica - Foto: Giovana F.



Haruo Ohara – Estrada que passava na
cabeceira da Chácara Arara, 1949 – londrina –
Brasil



Imagem produzida durante a caminhada fotográfica
Foto: Pedro



Alfredo Volpi

Figura 04, 05 e06 Imagens produzidas por estudantes de Irerê durante a caminhada fotográfica e o diálogo com produções artísticas propostas por Ronaldo Alexandre Oliveira (2014).

Alunos de Irerê que ampliaram seu olhar e tiveram a oportunidade de ir até a Universidade Estadual de Londrina para criar em cerâmica um grande painel sobre a experiência vivida. Marcas que certamente ficarão para estes alunos deste pequeno município.

Em qualquer sala de aula, em qualquer segmento, da educação infantil à pós-graduação, entretanto, os estudantes se apresentam com disponibilidades diferentes para viver uma experiência estética. Que sentido teria a arte para aqueles que não passaram por nenhuma ação expressiva e sempre ficaram à espera de comandos?

Mirada Y: mais um nó por dentro da formação cultural

Na continuidade da questão anterior, se abre uma outra: em que sentido a dispensabilidade curricular da arte está conectada a formação cultural? Não é possível responder inteiramente. Muitas pesquisas precisariam ser feitas ainda, mas na formação em cursos de bacharelados e licenciaturas das linguagens artísticas, é possível afirmar que o gosto pela arte faz estes estudantes mais próximos da cultura. Talvez seja justamente por esta formação cultural que a dimensão estética gerou o interesse por estes cursos.

Há entretanto grande diferença quando nos voltamos para o curso de Pedagogia que é responsável pela formação daqueles que atuam na Educação Infantil e nas séries iniciais, mas é também daqueles que com frequência são os gestores da escola. Pesquisas têm sido feitas pelo GPAP - um Grupo de pesquisa de Arte na Pedagogia² que encontra ressonância em outros estudos, que tem trazido como uma das questões a formação cultural que transcendem os limites brasileiros:

² Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia foi iniciado em 2012 na Universidade Presbiteriana Mackenzie junto ao Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura. O grupo é formado por professores que trabalham nos Cursos de Pedagogia ou com formação de professores para a Educação Infantil e os anos iniciais de várias universidades brasileiras.

No Brasil e em Portugal temos percebido que os alunos chegam ao curso de Pedagogia sem uma boa formação em práticas artísticas de nível profissional e sem também uma formação cultural mais profunda e abrangente. Sem repertório cultural e artístico, sem a compreensão e vivência da arte como linguagem, as dificuldades e desafios são maiores no sentido de preparar os futuros professores da Educação Infantil e séries iniciais (QUEIROZ e MARTINS, 2015, s/p).

A “aplicação de técnicas” ou rápidos experimentos com materiais, o preenchimento de desenhos para colorir ou tentativas de cópias de obras conhecidas ou tantos outros exemplos possíveis, implicam com frequência em respostas quase que automatizadas às atividades isoladas que não permitem o “momento tim” como disse Anna Marie Holm já citada. Viver um processo de criação, viver experiências estéticas como preconiza Dewey (2010) certamente deixa outras marcas que são levadas para o resto da vida.

A pesquisa de Monique Andries Nogueira confirma a rasa formação cultural. Um dos seus instrumentos de pesquisa foi um questionário aplicado para 184 professores da rede pública municipal de Goiânia que cursavam o 1º ano de Pedagogia em um convênio firmado entre a Secretaria Municipal e a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Diz ela:

É necessário admitir que em muitos casos não é a falta de recursos o principal entrave e sim a falta de hábito, a pouca familiarização com os espaços de cultura. Isso mostra, de certa forma, um desconhecimento sobre a importância do papel da cultura na vida de qualquer indivíduo, sobretudo na daquele que se dedica à formação de outras pessoas. (NOGUEIRA, 2012, p.41)

De sua pesquisa destaco dois aspectos. O primeiro é a constatação que apenas 22.9% informaram que tiveram alguma experiência com linguagens artísticas fora da escola regular e a maioria deles foram os que responderam que continuam a desenvolver alguma atividade artística. “Isso faz supor que a formação que iniciada na infância/adolescência tem maior chance de se tornar permanente” (idem, p, 59). Por outro lado, muitos disseram gostar de cinema, de assistir espetáculos e de visitar exposições, mas são pouquíssimos os que realmente frequentavam. A análise dos questionários levou-a a fazer entrevistas com as três professoras que demonstraram formação cultural mais ampla que os demais. As duas primeiras mostraram a importância do contato na infância e adolescência e por isso, favorecem este encontro com seus alunos. A terceira entrevistada, também preocupada em oferecer oportunidades aos seus alunos, deu uma resposta de certo modo inesperada. Disse a

professora: “Acho que se eu não tivesse tido esta oportunidade, estaria sempre inventando, mesmo se não tivesse vivenciado isto” (idem, p. 71). Talvez, como pensa Monique, as experiências vividas estavam tão amalgamadas à sua vida que não eram percebidas.

Talvez haja uma outra possibilidade de interpretação das palavras da professora. O “estar sempre inventando”, mostra que além da formação cultural que lhe abriu o campo de referências, parece que a inquietação, a criação, a invenção faz parte de sua ação no mundo. Poderíamos justificar a fala da professora como a revelação de uma *poiesis*, entendida como um ato criador, ousado, sensível, artesanal, singular onde processos e produções estão fortemente entrelaçados. Não será possível sabê-lo, mas a resposta da professora entrevistada me tocou e fortalece algo que tenho buscado e que vejo presente nas orientações que tenho realizado, quando seguimos processos de criação mais de perto. Há alguns que seguem as regras e fazem bons trabalhos acadêmicos, mas há aqueles que se lançam no escuro e vão além do que poderiam imaginar quando começaram a sua pesquisa.

Poiesis. Criação, Ousadia para ir além.

A formação cultural, a ampliação de repertórios, a compreensão e utilização das linguagens artísticas não só para se expressar, mas para construir novos conhecimentos, seja em que área for, é fundamental para sujeitos implicados com a vida, disponíveis para entrar na experiência e se deixarem ser tocados por ela, como nos diz Larrosa (2004). Mas é isto que quer a escola?

Mirada Z: um nó que nos leva para outros nós

Muitas outras miradas possíveis. Políticas e currículos nem sempre estão atentos a possibilidade de formar sujeitos cuja *poiética* seja um impulso para buscar outras respostas ao mundo contemporâneo. E muitos dos gestores parece que não descobriram o que está por detrás das ações de ler, escrever e contar: a criação de linguagens pois a leitura de mundo precede a leitura da palavra como nos ensinou Paulo Freire (1989). Parece também que não basta mostrar o que pede a arte nos museus e salas de concerto ou fora deles, o que nos pede a tecnologia e as relações sociais em nossas vidas, nem os fundamentos da arte na educação na contemporaneidade.

A imagem que me vem à mente é *Melancolia* de Durer³. Aquela pequena gravura de 1514 sempre me cutucou. O enigma do quadro acima de sua cabeça virou até nome de editora brasileira. O tempo e a balança, assim como os pregos e o compasso estão inertes, à espera de ação. Por que a ação não acontece, vence a melancolia?

Um estado mórbido para a psiquiatria ou “sentimento de vaga e doce tristeza que compraz e favorece o devaneio e a meditação”, se lê em qualquer dicionário. E poderia ir além buscando mais artigos sobre a obra que provocou tantos teóricos, artistas, poetas. Mas me desobrigo desta tarefa, pois Dürer hoje é parceiro do desassossego, da ação que não acontece, do que está inerte. Mas Adélia Prado me socorre: “Eu tenho a esperança que nada se perde, tudo alguma coisa gera... O que parece morto, aduba... O que parece estático, espera.”

“O que parece morto, aduba” diz a poetisa. Há sujeitos adormecidos que precisam apenas de *uma* experiência estética. “*Uma*” em itálico como grafa Dewey (2010), uma experiência do “sujeito ex-posto” como preconiza Larrosa (2004).

É aí, nessa sutil experiência vívida, que nos faz suar e sentir energias inventivas dentro de nós, que a arte acontece. A produção contemporânea de arte aposta nisso, numa arte extremamente amalgamada com o mundo, as pessoas, os compartilhamentos.... Uma maneira outra de fazer teoria, arte e educação.

Precisamos acreditar sim na potência *poiética* de quem pode fazer a diferença em seus espaços, lidando com micro-políticas. O que poderemos fazer neste sentido? O que cabe a cada um de nós formadores?

Atuar, se implicar na busca de mudanças é preciso, pois só fazendo o possível pode-se tornar o impossível possível como diz Paulo Freire (1976). Ações concretas não de ser feitas por cada um que acredita na potência da arte na educação. Ações concretas em nossos espaços de trabalho, na batalha diária por mostrar potencialidades que se perdem no cotidiano daqueles que não escutam e não veem que a potência está ali, na mão, no corpo, na voz de nossas crianças, abafadas nos adolescentes e quase esquecidas nos adultos. É preciso acordar corpos, é preciso balançar estruturas fechadas em *habitus* (uma bela lição de Bordieu) que não mais são problematizados, abrir fendas para fazer vibrar e acontecer uma experiência estética. É preciso que pesquisas, dissertações e

³ Durer – imagem disponível em:
[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/Melencolia_I_\(Durer\).jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/Melencolia_I_(Durer).jpg)

teses voltem às suas origens problematizantes e impulsionem transformações ou alimentem esperanças.

Há muitos nós que amarram, mas há nós que trançam outras possibilidades pelo meio da arte, pela vida através da arte, na sala de aula, na formação cultural, na potência da *poiesis* que ousa e cria. Nas faces amalgamadas no espelho da vida, que mais parece formado por cacos, pedaços que se sobrepõe e dialogam entre si, como um mosaico de sobreposições em caleidoscópios moventes, encontremos o brilho e a energia para continuar buscando parcerias, produzindo ações concretas e tentando ajudar para que outros descubram a arte e a cultura como forças motrizes e humanizadoras. Inventemos chuvas alimentando a terra...

E você? Qual sua mirada?

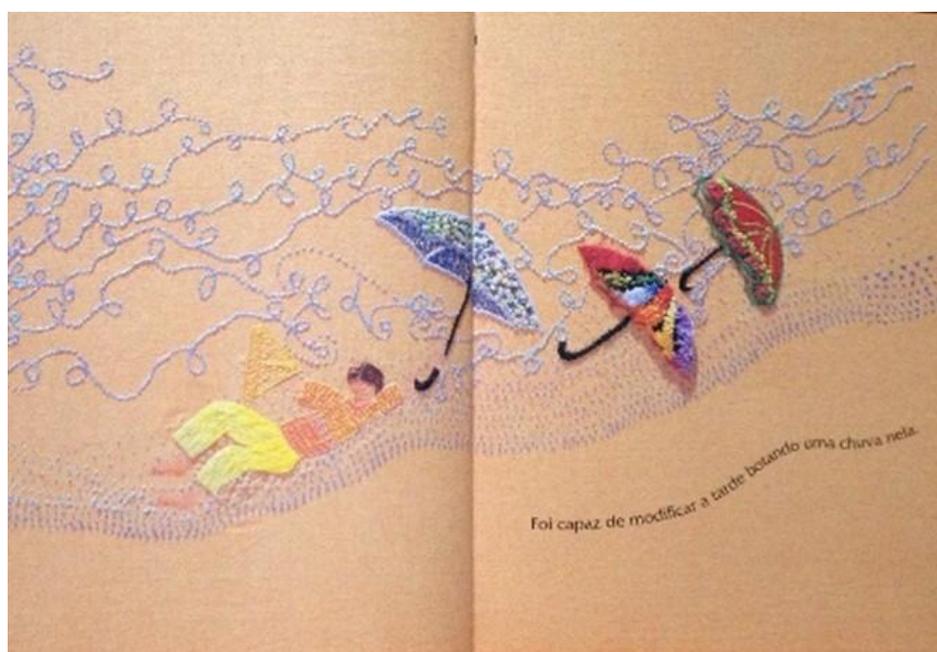


Figura 07. Manoel de Barros. "Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela". Página dupla do livro *Exercícios de ser criança*, 2000.

Referências

ANDRADE, Alécio de. **O Louvre e seus visitantes**. São Paulo: Instituto Moreira Sales; Nova York: Le Passage Pris, 2009.

BISHOP, Claire. **Artificial Hells: participatory art and the politics of spectatorship.** London: verso, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEMARCHI, Rita de Cássia. "Ver Aquele Que Vê": um olhar poético sobre os visitantes em museus e exposições de arte. **Tese** (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

DEWEY, John. **A arte como experiência.** São Paulo: Martins fontes, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo, Ed. 34, 1998.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCKOCK, Gregory. **A nova arte.** São Paulo: Perpectiva, 1975.

ELIASSON, Olafur. **Leer es respirar, es devenir: escritos de Olafur Eliasson.** Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros escritos.** São Paulo: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

HELGUERA, Pablo. Transpedagogia: a arte contemporânea e os veículos da educação. In: HELGUERA, Pablo e HOFF, Mônica (Org). **Pedagogia no campo expandido.** Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEIRA, Monique Andries. **Formação Cultural de Professores ou a Arte da Fuga.** Goiânia: Editora UFG, 2008.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre. *Encontro com o Outro, Formação, Mediação, Pesquisa e Criação: possíveis entrelaçamentos.* **Relatório Final de Pós-doutoramento na Universidade Presbiteriana Mackenzie**, 2014, 178 p.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 18-19.

QUEIROZ, João Paulo e MARTINS, Mirian Celeste. Arte e educação, Portugal e Brasil: é preciso inovar na formação de educadores. **Anais do Encontro Regional do InSEA**. Lisboa, Culturgest, 2015.

STRUTH, Thomas. **Photographs 1978-2010**. Disponível em: <<http://www.thomasstruth32.com/smallsize/index.html>>. Acesso em 8 maio 2015.

i Professora do Curso de Pós Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde coordena o Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: provocações e mediações estéticas. É sócia-diretora - Rizoma Cultural: projetos em arte, cultura e educação com Gisa Picosque. Professora aposentada do Instituto de Artes/UNESP. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de arte, arte, mediação, formação de educadores e educação. E.mail: mcmart899 mcmart@uol.com.br

Recebido em: 20 de junho de 2015.

Aprovado em: 10 de agosto de 2015.